

Evento retorna a seu *habitat* natural

O Hotel Nacional serviu de cenário para alguns dos mais marcantes episódios da história do festival de cinema ^{DF}

CARMEM MORETZSOHN

O fato de o Hotel Nacional abrigar os convidados do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro já foi até cavalo de batalha para muitos cineastas em edições anteriores do evento. Desta vez, não foi preciso. A piscina central, o grande auditório, o bar vazado e os vários espaços do Hotel Nacional voltam a pertencer, pelo menos durante uma semana, ao cinema brasileiro. Seguramente, sem o mesmo charme de anos atrás. No entanto, com a mesma vontade de seguir aquilo que já virou tradição. Festival de Brasília e Hotel Nacional combinam. Parecem terem sido feitos um para o outro.

Foi exatamente nos salões e, em especial, na piscina do Hotel Nacional que aconteceram alguns inesquecíveis lances que marcam a história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, envolvendo mitos como Glauber Rocha e Leila Diniz. O maior diretor do Cinema Novo aproveitou a presença de jornalistas para fazer um verdadeiro *happening* (veja box). Leila Diniz, ah, ela fez muito mais.

Por enquanto, a Fundação Cultural solicitou 120 apartamentos, entre duplos e simples. Um número que, a princípio se mostra insuficiente, se levarmos em conta que, só o longa *Oswaldianas* tem seis diretores — é hábito convidar uma média de cinco nomes por filme, entre diretor, produtor e atores. Ao todo serão 18 filmes — 11 curtas, um média e seis longas — na Mostra Competitiva, fora a mostra de 16 mm e o Festivalzinho. A organização também tem de garantir hospedagem para o júri de premiação e os convidados especiais. Afinal, é isso que garante a badalação tão almejada pelos festivais de cinema. É muita gente.

Glamour — O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, ao contrário do de Gramado, sempre se marcou pelo debate, político pela crítica. Enquanto Gramado habitualmente se volta para o mercado, Brasília se liga nas discussões políticas, nas polêmicas estéticas, nos encontros de pesquisadores. Tem caráter mais reflexivo do que festivo. Mesmo assim, na história do Festival há muito de *glamour*.

Uma das pessoas que mais conhecem esta história é o professor e crítico de cinema Rogério Costa Rodrigues. Nas primeiras edições do evento ele coordenava a área técnica, os encontros entre críticos e os debates. Depois, passou a integrar, seguidas vezes, o júri de premiação. Ele lembra um dos escândalos ocorridos no Hotel Nacional logo no início da vida do Festival. "Uma vez, o Rogério Sganzerla deu umas porradas no crítico Rubens Ewald Filho. Foi o maior escândalo,

com o Rogério gritando. Até hoje eu não sei por que aconteceu" — conta.

Esta era uma época em que a simples presença da atriz Leila Diniz no Hotel Nacional garantia a festa. "Era engraçado: as pessoas chegavam e ficavam perguntando se a Leila já estava no hotel. Era como se a festa só começasse com ela", relembra Rogério Costa Rodrigues. "Aí, ela chegava, botava o biquíni e descia para a piscina (e o biquíni que ela usava, na época, causava furor. Hoje, seria um comportamento duas peças), ficava mexendo com todo o mundo, enquanto os fotógrafos pediam que ela fizesse poses. Leila, então, conversava e fazia poses sexy, brincando, 'vocês estão vendo como eu sou espontânea'. E ria. Era o melhor do Festival, o mais esperado momento. É claro que havia toda a parte séria, mas a festa ficava por conta da Leila Diniz".

No auditório do Hotel Nacional, anualmente, acontecia a reunião de artistas, críticos, cineastas, produtores para que se elaborasse um manifesto contra a censura. "Tinha muito porralouca na época e gente falando coisas absurdas. Mas havia também aqueles que davam dignidade às discussões, como o Joaquim Pedro de Andrade. Ele tinha um equilíbrio e uma sobriedade impressionantes. Era de uma classe enorme e estava sempre fazendo o papel de mediador nas discussões", explica Rogério, ao mesmo tempo em que rememora: "O Glauber Rocha fez uma escola de pessoas que confundiam genialidade com agressividade. Era um comportamento juvenil. Todo ano tinha uma demonstração de falta de educação".

O Hotel Nacional, mais do que simples hospedagem, era fator de sucesso para o Festival. De acordo com

Rogério Costa Rodrigues, o local fazia com que as pessoas quisessem vir logo no primeiro dia e ficar até o final do evento. "Não era como hoje, que os diretores e atores só vêm a Brasília para o dia da exibição do filme e vão embora".

Tradição — Estrelas não faltavam pelos corredores e pela piscina do hotel. Diz a lenda que Leila Diniz podia ser vista, na madrugada, pelos corredores procurando alguém com quem passar a noite. E havia também estrelas não reconhecidas que tentavam, aqui, um estrelato que nunca chegou. É o caso de Isabela, a Capitu do filme homônimo de Paulo César Saraceni. Na época, foi com este filme que ela veio concorrer. Sem chances, como explica Rogério. "Ele devia estar muito apaixonado por ela, porque a Isabela não era boa atriz. No entanto, achava que ganharia o prêmio, justo num ano em que competiam com ela a Irene Stefania por *Fome de Amor* e Odete Lara com *Copacabana me Engana*. Era engraçado vê-la com pose de estrela".

Um dos diretores que sempre se empenha em ter o Hotel Nacional para abrigar convidados e debates do Festival é Ivan Cardoso, já premiado diversas vezes por filmes como *O Segredo da Múmia*, *As Sete Vampiras* e o recente *Escorpião Escarlata*. Juntamente com Sganzerla, Júlio Bressane, Fernando Campos e Mojica Martins ele realizou, em 1978, no Hotel Nacional, a mostra *O Horror no Cinema Nacional*. É ele quem diz: "O Hotel Nacional é o habitat do Festival. Embora Brasília seja uma cidade nova, ela já tem esta tradição. Participo do Festival de Brasília desde finais dos anos 70 e já vi tanta coisa que nem posso contar".

Entre as outras que Ivan Cardoso não se preocupa em divulgar está a

lembrança de ver um rosto marcante, grande, entrando e saindo da sauna do hotel, em plena época do Festival. Era Orestes Quécia. "Ninguém imaginava que ele iria chegar tão longe", diverte-se o cineasta. "Na época, era um ilustre desconhecido, que passeava entre nós". Ivan Cardoso também recorda a presença de sua múmia pelos espaços do hotel: "Ela escandalizou bastante o Hotel Nacional".

Recentemente, o escândalo veio, por engraçado que possa parecer, da Turma da Mônica. Contam que os atores chamados a fazer uma homenagem a Maurício de Souza no Festivalzinho de três anos atrás transformaram as suítes do hotel em boate. E a festa rolou até altas horas. Teve muito funcionário impressionado com a aprontação dos amiguinhos das crianças. E olha que eles viram coisas...

É possível que, a exemplo dos últimos anos, o escândalo fique mesmo por conta de mais uma festinha de arromba. Afinal, o cinema brasileiro vai de mal a pior, como afirma Rogério Costa Rodrigues: "Nos primeiros festivais havia uma elite intelectualizada que acompanhava o cinema nacional. Havia muita expectativa em torno de um filme que estava sendo produzido. As pessoas acompanhavam tudo e discutiam passo a passo do que era apresentado pela imprensa. Quando os realizadores chegavam, já tinha a maior torcida. Hoje, não há mais este espírito. Não tem um diretor que apaixone o grande público e as estrelas do cinema são as mesmas da televisão. Acabou aquele fervor, assim como houve o empobrecimento da cultura brasileira. A esperança é de que venha um *A Hora da Estrela* para nos redimir".



Cena típica dos bons tempos do festival, em 78, numa mesa à beira da piscina reunindo (a partir da esquerda) Mário Carneiro, Arnaldo Jabor e Júlio Bressane

Arquivo